

# Eça de Queirós no audiovisual<sup>1</sup>

Filomena Antunes Sobral

Escola Superior de Educação de Viseu/

Universidade Católica Portuguesa - E. Artes/ CITAR

filomena@esev.ipv.pt

## Resumo:

Sendo a adaptação literária um fenómeno que tem persistido ao longo da história e, sabendo que grande parte das transposições literárias tem raízes em textos de autores canónicos do século XIX, começamos, neste ensaio, por delinear um quadro das adaptações das obras do escritor português Eça de Queirós para a linguagem do cinema e da televisão. Paralelamente, evidenciamos o potencial dramático da herança literária queirosiana para, por fim, concluirmos que esta colaboração estreita entre a literatura e o audiovisual, para além de revitalizar as narrativas clássicas, ainda que de uma forma mediada, permite a democratização cultural da tradição literária portuguesa para as novas gerações.

*Palavras-chave:* Adaptação, audiovisual, literatura, Eça de Queirós

## Abstract:

Knowing that the literary adaptation is a phenomenon that crosses history, and also knowing that most of the literary transpositions have its roots in canonical 19th century novels, we begin this essay by drawing a map of the adaptations of the work of the Portuguese writer Eça de Queirós for film and television language. At the same time, we emphasize the dramatic potential of the writer's literary inheritance. Lastly, we point out that the narrow collaboration between literature and audiovisual, besides revitalizing the classic narratives, also allows cultural democratization of the Portuguese literary tradition for the present generations.

*Keywords:* Adaptation, audiovisual, literature, Eça de Queirós

---

<sup>1</sup>Artigo elaborado com o apoio do Programa Operacional Ciência e Inovação 2010 (POCI 2010), co-financiado pelo Governo Português e pela União Europeia, através do Fundo Europeu para o Desenvolvimento Regional (FEDER), e da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); este artigo também tem o apoio da FCT através de uma Bolsa de Doutoramento Individual.

## 1. Introdução

A adaptação literária é um fenómeno que se tem mantido constante ao longo da história e que tem despertado o interesse académico de várias áreas do conhecimento. Com efeito, é comum observarmos o diálogo estreito entre teatro, cinema, televisão, literatura, banda desenhada e outras linguagens, o que nos remete para um território de variedade analítica onde é difícil chegar a consensos. A verdade é que a adaptação tem sido tema de análise crítica por mais de sessenta anos e continua a ser uma prática actual que aproxima diversas artes.

No entanto, por uma questão de delimitação temática, restringimo-nos, neste texto, à abordagem da adaptação literária para veículos audiovisuais. E, se é certo que, nos nossos dias, o fenómeno da adaptação continua a marcar presença nos inúmeros filmes e séries que se produzem, também é verdade que grande parte dos textos fonte adaptados tem a sua origem em escritos de autores canónicos do século XIX, como é o caso de Eça de Queirós.

Esta apetência pelos autores canónicos vincula-se ao facto da literatura clássica assumir historicamente uma posição privilegiada de obra artística que permanece ao longo dos tempos, não só devido à qualidade e respeito alcançados, como também devido ao facto de enriquecer o pensamento focando temas e personagens intemporais. Salvato Menezes (1993: 72) escreve, a propósito da literatura, que «se um romance foi já objecto de apreciação por parte de várias gerações que o consideraram rico de sentidos e valor artístico, é muito provável que seja também para o leitor contemporâneo uma fonte de enriquecimento espiritual» e nós alargáremos esta fortuna espiritual ao telespectador das adaptações audiovisuais actuais. Na perspectiva de Teresa Colomer (2007) os clássicos favorecem o sentimento de coesão social pela partilha de determinadas referências (históricas, culturais, artísticas, linguísticas) e, por outro lado, são também importantes fontes de conhecimentos acumuladas pela humanidade que proporcionam uma reflexão identitária e sociocultural. Para além disso, baseando-nos em Hélio Guimarães (2003), podemos afirmar que é essencialmente o conteúdo com potencial dramático do romance oitocentista que interessa às adaptações. Importa ainda acrescentar que certos clássicos, como é o caso de Eça

de Queirós, transmitem-nos a impressão de contemporaneidade e assim, na esteira de Lúcia Jorge (2009: 134), «a sensação que se tem é de íntima proximidade», ou seja, alguns autores canónicos transformam-se em «construtores activos de sucessivos presentes».

Neste sentido, começamos, neste texto, por abordar a questão da adaptação literária, para posteriormente fazermos uma incursão pelas obras do escritor português Eça de Queirós que foram transpostas para audiovisual. Centramos o nosso discurso sobre o potencial dramático da herança literária queirosiana, para, desta forma, sublinhar a proximidade do cinema e da televisão com os livros deste escritor português do século XIX e destacar, ainda, os motivos que levam o audiovisual a apropriar-se constantemente do património literário de Eça de Queirós. Paralelamente procuramos reiterar o potencial da transposição audiovisual de textos clássicos para estabelecer um diálogo entre herança literária e novas gerações.

## **2. Adaptação literária**

Remontam aos primórdios do cinema as primeiras adaptações de textos bíblicos, como a produção Lumière de 1897 *La vie et passion de Jésus Christ*, e a verdade é que o hábito de transpor textos para o ecrã se manteve, de tal forma que, por volta de 1910, a adaptação de textos literários assumia-se como uma espécie de legitimação dos filmes (Hayward 2000). De igual modo, também em Portugal, a tradição da transposição literária tem raízes no cinema mudo, prolongando-se depois pelo sonoro e mantendo-se até aos nossos dias. Inúmeros exemplos se podem avançar, como *O Primo Basílio* (Georges Pallu 1922), a partir da obra homónima de Eça de Queirós, *Amor de Perdição* (Lopes Ribeiro 1943), com base nos escritos de Camilo Castelo Branco ou *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (Manoel de Oliveira 2009), uma adaptação recente de um conto, com o mesmo nome, de Eça de Queirós.

Também a televisão foi buscar muitos dos seus conteúdos diegéticos à literatura praticamente desde as primeiras emissões. Em Portugal, a ligação entre

livros e televisão teve o seu início com o teatro televisivo, que colocou “em antena”, não só autores portugueses, como também estrangeiros (Teves 2007). A *Morgadinha de Vale d’Amores*, com base nos escritos de Camilo Castelo Branco, realizado por Herlander Peyroteo em 25 de Junho 1957 ou *O Pedido de Casamento*, inspirado em Anton Tchekov, realizado por Artur Ramos em 25 de Março 1957, são exemplo disso. Com o passar do tempo e o avanço tecnológico outros formatos foram surgindo, originando produções como *Ricardina e Marta* (RTP1/ Victor Manuel 1989), primeira telenovela portuguesa de época adaptada a partir de dois romances de Camilo Castelo Branco, *O Retrato de Ricardina* (1868) e *A Brasileira de Prazins* (1882), ou *Quando os Lobos Uivam* (RTP1/ João Cayatte 2006), mini-série de época exibida em doze episódios, a partir do livro homónimo de Aquilino Ribeiro.

Deste modo, alguns textos literários têm sido objecto de adaptação audiovisual em diferentes suportes, em épocas diversificadas e em países distintos. É o caso do romance *O Primo Basílio* (Eça de Queirós 1878) que foi adaptado para cinema em Portugal (Georges Pallu 1922), no México (Carlos Nájera 1935) e no Brasil (Daniel Filho 2007), tendo sido realizada também, no Brasil, uma adaptação televisiva de *O Primo Basílio* no ano de 1988 (Globo/ Daniel Filho, dezasseis episódios).

Sendo assim, a adaptação literária pode ser entendida como um processo de regeneração, ou um encontro dinâmico entre formas de expressão diferentes, que partilham um interesse narrativo. Trata-se de um acto interpretativo de uma obra anterior que, por reinterpretação ou leitura crítica, origina uma nova criação artística. Um processo estético que apela ao diálogo inter-artes, sem, no entanto, enfraquecer nenhuma das linguagens envolvidas. Na verdade, literatura e audiovisual beneficiam desta relação de proximidade.

E, se no início, esta sinergia entre audiovisual e obra escrita estava relacionada com a procura de conteúdos para narrar no ecrã, rapidamente se percebeu que a aliança entre livros e imagem em movimento podia ser bastante positiva para ambas as linguagens. Neste sentido, para além de diversificarem os seus conteúdos diegéticos, cinema e televisão, auferem da legitimidade cultural e possibilidade de sucesso comercial proporcionada pelos textos consagrados. A

literatura, por seu lado, beneficia da referência inevitável ao texto original, pois mesmo aqueles que nunca leram a obra escrita são, necessariamente, remetidos para ela através do produto adaptado. Por conseguinte, um dos méritos da adaptação é remeter o público para os textos escritos que foram adaptados, seja para os lembrar ou para tomar contacto com eles pela primeira vez. Daí que, actualmente, num contexto de consumo pós-moderno, muitas vezes o público receptor só procura a fonte escrita, após contacto com a adaptação (Muanis 2005).

Por outro lado, a transposição audiovisual proporciona ao leitor habitual o alargamento das suas perspectivas ao colocá-lo em contacto com a leitura interpretativa audiovisual. E, deste modo, a adaptação literária, para além de permitir que outras estratégias diegéticas interpretem o património cultural literário, o que pressupõe uma riqueza de abordagens, faz com que os textos se tornem também conhecidos pelas novas gerações, abrindo a sua leitura a um público mais vasto e heterogéneo. Para além disso, a adaptação literária para meios audiovisuais permite, ainda, a actualização e a revitalização da nossa cultura escrita.

### **3. A adaptação audiovisual de narrativas queirosianas**

Eça de Queirós (1845-1900), um dos mais emblemáticos escritores portugueses do século XIX, teve várias das suas obras transpostas para outros suportes, como sejam o teatro, a rádio, a banda desenhada, a pintura, o cinema ou a televisão. Com efeito, é significativo notar que, ao longo dos tempos, os textos de Eça de Queirós foram sendo objecto de constante revisitação, tornando os seus escritos actuais e perenes, originando, desta forma, novas leituras interpretativas, que se verificam não só ao nível da própria literatura<sup>2</sup>, como das outras artes.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup>Refere Isabel Pires de Lima (2000) que «são muitos os escritores que de maneira diversa e com eficácia diversa revisitaram a obra de Eça de Queirós. Pode-se referir desde o angolano José Eduardo Agualusa, em *Nação Crioula* (1997), aos portugueses Mário Cláudio, em *As Batalhas do Caia* (1995), José António Marcos, em *O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós* (1996), Norberto Ávila, em *No Mais Profundo das Águas* (1998), Fernando Venâncio, em *Os Esquemas de Fradique* (1999), Maria Velho da Costa, em *Madame* (1999)».

<sup>3</sup>A título de exemplo, podemos referir as apresentações radiofónicas derivadas da figura de Eça e da sua obra, como é o caso de *Vida Gloriosa de Eça de Queiroz* (1945), na Rádio Clube de

No que concerne especificamente à linguagem audiovisual, da vasta produção literária de Eça de Queirós, entre romances, contos e novela, muitos são os títulos queirosianos que foram transpostos para ecrã, seja ele do cinema ou da televisão. Deste modo, remontando ao património literário queirosiano, verificamos que *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (1874), *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *O Mandarim* (1880), *A Relíquia* (1887), *Os Maias* (1888), *Civilização* (1892), *Frei Genebro* (1893), *O Tesouro* (1893), *O Defunto* (1896), *O Suave Milagre* (1897), *A Capital* (1925), *O Conde d' Abranhos* (1925), *Alves e C.<sup>a</sup>* (1925) e *A Tragédia da Rua das Flores* (1980) foram obras adaptadas para cinema e televisão, em diversas épocas e algumas em vários países, como Portugal, Brasil, México ou Argentina. Para além disso, existem registos de que as duas obras semi-póstumas de Eça de Queirós *A Ilustre Casa de Ramires* (1900) e *A Cidade e as Serras* (1901) também foram objecto de escrita de argumentos em Portugal, porém as obras audiovisuais nunca chegaram a ser filmadas (Guerra da Cal 1980).

No que diz respeito às adaptações cinematográficas derivadas do património literário de Eça, destacam-se *O Primo Basílio* (Portugal/ Georges Pallu 1922), *El Primo Basílio* (México/ Carlos de Nájera 1934), *El Deseo* (Argentina/ Carlos Schlieper 1944, tendo por base o romance *O Primo Basílio*), *O Cerro dos Enforcados* (Portugal/ Fernando Garcia 1954, a partir do conto *O Defunto*), *O Primo Basílio* (Portugal/ António Lopes Ribeiro 1959), *Os Lobos* (Portugal/ curta-metragem de Pedro Bandeira Freire 1978, com base no conto *O Tesouro*), *Amor e*

---

Pernambuco, ou *A Cidade e as Serras*, transposição em dezanove episódios para a Emissora Nacional de Lisboa, primeiro no ano de 1966 e novamente reposta em 1970. A Emissora Nacional de Lisboa apropriou-se, mais uma vez, do universo queirosiano em 1967 com *A Ilustre Casa de Ramires*, emissão composta por vinte e três episódios, repetida, de novo, em 1970 (Guerra da Cal 1980: 34-35). No que concerne ao teatro destacamos, no Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa, a adaptação de *Os Maias* realizada em 1945 por José Bruno Carreiro. Em 1999 esteve em cena a peça *Madame*, uma encomenda original do Teatro Nacional D. Maria II, onde Eunice Muñoz personifica Maria Eduarda de *Os Maias*. Entre Fevereiro e Abril de 2009 subiu ao palco a obra-prima queirosiana *Os Maias* no Teatro da Trindade, em Lisboa, com o título *Os Maias no Trindade*. A título de curiosidade podemos referir que várias obras de Eça de Queirós foram adaptadas também para banda desenhada. Em Portugal, foram realizadas adaptações para quadrinhos de *A Ilustre Casa de Ramires* (*A Torre de D. Ramires* de Eduardo Teixeira Coelho 1989) e dos contos *O Defunto*, *O Suave Milagre* e *O Tesouro*, também com ilustrações de Eduardo Teixeira Coelho (1993). Em 1997 José Morim adaptou e ilustrou o conto *O Defunto*. Também nos anos mais recentes, no Brasil, saiu uma versão de *A Relíquia* em Banda Desenhada, da autoria de Francisco Marcatti (2007). Na área da Pintura, podemos destacar a leitura interpretativa da artista portuguesa Paula Rego da obra queirosiana *O Crime do Padre Amaro*, que resultou numa série de dezasseis belíssimos e impressionantes quadros (1997-98).

*Cia* (Brasil/ Helvécio Ratton 1998, uma adaptação de *Alves e C.<sup>a</sup>*), *El Crimen del Padre Amaro* (México/ Carlos Carrera 2002), *O Crime do Padre Amaro* (Portugal/ Carlos Coelho da Silva 2005), *O Mistério da Estrada de Sintra* (Portugal/ Jorge Paixão da Costa 2007), *O Primo Basílio* (Brasil/ Daniel Filho 2007) e *Singularidades de Uma Rapariga Loura* (Portugal/ Manoel de Oliveira 2009).

A televisão, tal como o cinema, também se interessou, largamente, pelo universo ficcional queirosiano através de diversos formatos. Disso é exemplo a realização televisiva Checa de *O Crime do Padre Amaro* (Zlocin Pátera Amara/ direcção artística de M. Nývít 1958) ou produções como *O Primo Basílio* (Vetter Basílio/ Alemanha/ Wilhelm Semmelroth 1969), *A Capital* (Portugal/ Artur Ramos 1971), *Alves e C.<sup>a</sup>* (Portugal/ Artur Semedo 1974), *Os Maias* (Portugal/ Ferrão Katzenstein 1979), *O Defunto* (Portugal/ Noémia Delgado 1980), *A Tragédia da Rua das Flores* (Portugal/ Ferrão Katzenstein 1981), *A Relíquia* (Portugal/ Artur Ramos 1987), *O Primo Basílio* (Brasil/ Daniel Filho 1988), *O Mandarin* (Portugal/ Ferrão Katzenstein 1990), *O Conde d' Abranhos* (Portugal/ António Moura Mattos 2000), *Os Maias* (Brasil/ Luiz Fernando Carvalho 2001), *Lusitana Paixão* (Portugal/ Jorge Paixão da Costa e André Cerqueira 2003, tendo por base *Os Maias*), *O Crime do Padre Amaro* (Portugal/ Carlos Coelho da Silva 2006) e *Nome de Código: Sintra* (Portugal/ Jorge Paixão da Costa 2007, a partir de *O Mistério da Estrada de Sintra*). Também há registos de que na RTP, na época natalícia de 2000, estavam em produção quatro adaptações de contos queirosianos destinadas a um público juvenil: *O Tesouro*, *Frei Genebro*, *Civilização* e *Suave Milagre*.

Sendo assim, dos variados textos escritos por Eça de Queirós e reunidos em livro, pelo menos dezoito foram alvo de atenção do cinema e da televisão, ou seja, grande parte da sua criação literária, com excepção da produção jornalística de crónicas, cartas e artigos versando sobre uma diversidade de temas. De todos os seus escritos, *O Primo Basílio* foi aquele que mais vezes foi transposto para linguagem audiovisual, tendo sido cinco vezes adaptado para cinema e duas para televisão, seguindo-se *O Crime do Padre Amaro* com quatro adaptações, duas no cinema e duas na televisão. Relativamente às sete adaptações de *O Primo Basílio*,

estamos em crer que este revisitar do mesmo texto em épocas diferentes e internacionalmente resulta da temática clássica do triângulo amoroso que se presta a diversas abordagens consonantes com variadas estilísticas.

Perante a evidência do interesse da sétima arte e da televisão pela narrativa queirosiana, julgamos importante perceber o que existe na criação literária de Eça de Queirós que impulsiona o seu constante revisitar pela linguagem do som e da imagem ao longo dos tempos, ou dito de outra forma, porque é que o cinema e a televisão continuam a escolher adaptar livros de Eça de Queirós.

#### **4. Motivos para adaptar narrativas queirosianas**

Eça de Queirós integra-se num vasto conjunto de escritores do século XIX que viram os seus textos transpostos para outras linguagens. É o caso dos seus contemporâneos Júlio Dinis (*As Pupilas do Senhor Reitor* 1867, que originou a mini-série *João Semana*, RTP1, João Cayatte 2005) e Camilo Castelo Branco (*Amor de Perdição* 1862, que motivou a telenovela *Paixões Proibidas*, RTP/Bandeirantes, Ignácio Coqueiro 2007) ou, a nível internacional, Gustave Flaubert (*Madame Bovary*, 1857, para o filme homónimo de Claude Chabrol 1991) e Émile Zola (*Germinal* 1885, adaptado para cinema por Claude Berri 1993).

Este interesse do audiovisual por escritores do século XIX é lembrado por Ana Rita Navarro (1999: 449) quando a autora escreve que «a ficção do século XIX, e num cenário mais vasto do que o estritamente português, foi frequentemente (e preferencialmente) transferida para o cinema, com relativa facilidade». Das razões que explicam esta proximidade sobressai o respeito e o estatuto consagrado do texto literário, cujo reconhecimento histórico confere à obra adaptada a aura de produto de qualidade, pois se um livro já foi apreciado, ao longo de décadas, por diversas gerações que lhe reconheceram densidade artística, é bastante provável que a sua adaptação seja associada a valor cultural. Outra razão desta preferência do audiovisual pela literatura canónica são os temas oitocentistas, frequentemente revisitados, por fornecerem intrigas e personagens capazes de suscitar interesse à adaptação. De facto, no enredo destas narrativas é



comum a representação de crises individuais, sociais ou culturais, que se podem manifestar em ruptura de núcleos familiares, corte de relações e perdas, assim como na «sedução, traição, abandono, extorsão, assassinato, suicídio, vingança, ciúme, doenças incuráveis, obsessão e compulsão» (Guimarães 2003: 98). Por fim, o sentimento de coesão social, evidenciado por Colomer (2007), que faz sobressair a ideia de que os clássicos da literatura são repositórios de referências históricas, linguísticas, sociais e culturais que, ao serem revisitados pelo ecrã, permitem uma importante reflexão sociocultural e de identidade.

Para além disso, reportando-nos especificamente ao território da televisão, podemos afirmar que a frequência com que se procura modelos e textos na produção literária do século XIX revela, no entender de Guimarães (2003), uma certa continuidade entre o romance oitocentista e os programas de televisão baseados nesses textos. Para o autor ambas as estratégias diegéticas recorrem a um modelo de narrativa que remete para consumos faseados e para enredos dramáticos que têm interessado historicamente à ficção televisiva (Guimarães 2003: 96-97). Assim, no entender de Guimarães (2003), os veículos voltados para públicos de massas, como a televisão, e a criação literária oitocentista partilham a associação entre história e dramatismo ao conjugarem conflitos pessoais com conteúdos históricos nacionais e este aspecto, para além de fornecer ingredientes para a adaptação, pode, igualmente, agradar a uma vasta audiência.

Neste sentido, verifica-se que as narrativas do século XIX têm servido de base de inspiração para argumentos variados, destacando-se neste âmbito a literatura queirosiana. Não é alheio a este facto o génio do escritor oitocentista em criar narrativas com grande potencial dramático, com temáticas polémicas, personagens carismáticas e um retrato social português que se aproxima da sócio-crítica. Eça de Queirós sobressai pelo estilo, pelos temas, pelas personagens e pela actualidade. Daí que a sua obra artística tenha impulsionado o constante visitar da linguagem audiovisual ao longo dos tempos.

Eça de Queirós demarca-se por ser um observador atento da realidade envolvente, conseguindo, através da sua capacidade de escrita descritiva, analítica e irónica, transmitir uma visão do mundo através da caricatura. O seu estilo é ímpar e o uso que faz das palavras facilita a produção de imagens mentais. Por

outro lado, a insistência no detalhe e na evocação de enquadramentos permite também dados que facultam, como facilmente se entende, uma aproximação à narrativa imagética e acústica. Deste modo, a escrita de Eça oferece um carácter visual, como se contivesse imagens por detrás das palavras. Neste sentido, podemos dizer, em consonância com José António Saraiva e Óscar Lopes (1989: 948), que a estilística de Eça ao reaproveitar a linguagem corrente e ao reajustar os ritmos e a sintaxe num sentido de «exprimir uma intencionalidade ideológica e estética mais rica» faz dele um “produtor de imagens” e justifica, em parte, o interesse da linguagem da televisão e do cinema pelo universo do escritor oitocentista.

Por outro lado, fundamentando-nos em Ernesto Guerra da Cal (197?: 44-45), podemos afirmar que a escrita de Eça é bela, ritmada, harmoniosa e com claros efeitos evocativos emocionais, ou seja, age sobre a sensibilidade, envolvendo as ideias em atmosferas e, deste modo, suscitando sensações. Eça explora toda uma série de outras artes (como a poesia, a música e a pintura) para conseguir uma variedade de possibilidades cromáticas e musicais para os seus escritos (Guerra da Cal 197?). Em contrapartida, há um outro Eça que desenvolve uma atracção pelo real mais desagradável, ridículo e mesmo cruel das paixões humanas. Ora, parece-nos que é justamente esta capacidade de motivar adesão, bem como a «grande maleabilidade evocativa» e «a riqueza do substrato sonoro» (Guerra da Cal 197?: 342) dos textos de Eça, que interessa às artes representativas.

Paralelamente ao estilo característico e inovador de Eça de Queirós, afigura-se-nos que as temáticas exploradas na obra do escritor, cuja feição dramática é grandemente reconhecida (Reis 2005: 99), constituem um repositório de riquíssimas possibilidades de adaptação audiovisual. Eça tematizou sobre quase todos os domínios da vida portuguesa, desde o romantismo à educação e à sociedade, passando pela crise da família, condição da mulher, adultério ou por outros temas como o amor, o incesto, a crise da civilização e dos valores, a hipocrisia, o estatuto da literatura e da arte, a oposição cidade/ campo, a vida política e religiosa, o jornalismo e mesmo o questionamento acerca da realidade do país e da sua história. Aliás, este último aspecto é o assunto central explorado por Eça de Queirós e subjacente a todos os seus escritos, ou seja, o retrato de

Portugal e da sociedade portuguesa (Mónica 2001: 363). Com efeito, seguindo a linha de pensamento de Isabel Pires de Lima (2000), Portugal ocupou o centro de interesse da obra queirosiana, daí que, no entender da mesma fonte, não seja de surpreender que «as múltiplas revisitações ficcionais de Eça de Queirós a que se vem assistindo incorporem também elas essa temática e envolvam questões relacionadas de modo mais ou menos directo com a ficção da pátria e a interrogação identitária» (Lima 2000: 70).

Outro dos motivos de interesse das narrativas audiovisuais pela obra do escritor oitocentista é o vastíssimo quadro de figuras queirosianas. Efectivamente, a personagem, para além de ser uma categoria artística que merece realce no trabalho de Eça (Reis & Milheiro 1989), sobretudo devido à sua propensão para a representação social e como instrumento de crítica, é também, segundo Carlos Reis (2004: 6), «um feixe de riquíssimas possibilidades semânticas, disponíveis para outra *concretização*», como é o caso das adaptações. Eça traça o retrato de figuras femininas e masculinas marcantes, de tal forma que o nome de algumas ainda hoje é utilizado em diversas ocasiões, fora do contexto queirosiano e, na maior parte das vezes, como paralelismo.<sup>4</sup>

A par com as figuras, estilo e temas ecianos julgamos que outro aspecto que contribui para o constante revitalizar da ficção queirosiana através de adaptações audiovisuais é a sua actualidade e modernidade. Na verdade, muitos dos retratos que Eça traçou de Portugal e da sociedade portuguesa de oitocentos ainda se mantêm actuais nos dias de hoje. Com efeito, diz-nos Francisco Moita Flores (2003), que há aspectos da ficção queirosiana oitocentista que persistem na sociedade portuguesa actual e, segundo a mesma fonte, esses elementos vão permanecer «durante muitos séculos». Também a este propósito podemos ler no resumo informativo do documentário da RTP *Eça de Queiroz – Episódios da vida romântica* que a actualidade é uma característica fundamental das obras do escritor, pois, «As personagens, os tiques sociais, as instituições que ele tão bem descreveu há cem anos, continuam tão vivos que tropeçamos neles todos os

---

<sup>4</sup>Veja-se, por exemplo, o exposto por Maria Filomena Mónica (2001: 373) «Hoje, mesmo quem nada leu de Eça é capaz de utilizar – provavelmente a despropósito – o adjectivo “acaciano”».

dias».<sup>5</sup> Por conseguinte, podemos constatar, na esteira de Reis (2005), que a obra queirosiana antecipou temas e valores que foram entretanto retomados pela «modernidade literária do século XX» (Reis, 2005: 4) e nós acrescentaríamos também, pela actualidade audiovisual do século XXI. Sendo assim, reler Eça no nosso século, seja através dos seus romances ou de leituras interpretativas audiovisuais, é, no entender de Reis (2009), um pretexto para o reencontro com valores e formas que, apesar da distância temporal, ainda continuam a fazer sentido para nós.

Também Lima (2000) destaca que a obra de Eça de Queirós continua actualmente a ser objecto de interesse, não só a nível nacional, como internacional. Segundo a autora, tal perenidade «é sinal indiscutível da elevada dimensão artística e da actualidade da obra queirosiana» (Lima, 2000: 69). Ou seja, para Lima (2000: 69) Eça «produziu arte através da linguagem» e, por isso, atrai novas leituras interpretativas e convida à constante revisitação por uma série de outros criadores, em diferentes épocas e até de várias nacionalidades. No entender da autora, «estamos perante um escritor que decididamente ultrapassou o tempo e é ele mesmo disseminador de arte» (Lima, 2000: 70) promovendo, deste modo, processos de «reficcionalização intelectual» (*Idem, Ibidem*). Assim, a actualidade é uma característica fundamental das obras de Eça de Queirós e é um dos aspectos principais que tem motivado o diálogo com outras áreas estéticas. Deste modo, defendemos, em sintonia com Teolinda Gersão (2009: 138), que «Eça é um autor da sua época, mas também da nossa».

Importa, por fim, acrescentar que Eça de Queirós, para além de ser um nome incontornável no universo literário (Guerra da Cal 197?), é também um escritor que goza de uma «enorme popularidade» (Reis 2009: 29). Daí que a legitimidade cultural é também uma das razões do interesse do universo audiovisual pela obra do escritor oitocentista. Por outro lado, Guerra da Cal (197?: 349) remete-nos, ainda, para a ideia de Eça como um dos representantes da identidade portuguesa através do «seu amor pela eloquência, o seu dramático sarcasmo disfarçado de ligeira e desdenhosa ironia, a sua ternura emotiva», que, para o autor, «são essencialmente portugueses e, portanto, puramente ibéricos». Também Reis (2009:

---

<sup>5</sup>Acedido em Março 16, 2009, de [http://programas.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p\\_id=6501&e\\_id=&c\\_id=9&dif=tv](http://programas.rtp.pt/programas-rtp/index.php?p_id=6501&e_id=&c_id=9&dif=tv).

9) se refere ao aspecto identitário lembrando que os escritos de Eça são responsáveis pela formação de uma parte bastante importante da nossa identidade comum, assim como do nosso imaginário cultural e da nossa consciência colectiva. Neste sentido, parece-nos que este é outro dos motivos importantes para a linguagem do som e da imagem continuarem a revisitar a ficção queirosiana.

## **5. Considerações Finais**

Eça de Queirós, para além de ser uma personalidade literária notável, é também um autor cujas obras inspiraram, por diversas vezes, a criação em outros universos. De facto, através do historial das adaptações de textos queirosianos para outras linguagens, constatamos que a produção literária de Eça, a par com outros escritores de renome do século XIX, tem sido motivo de interesse constante ao longo dos anos, não só no âmbito do território nacional, como a nível internacional. Consideramos que esta motivação pelo homem e pela sua obra se prende com as características intrínsecas do estilo e personalidade do escritor oitocentista que, para além de abordar temas controversos e construir personagens marcantes, enquadra-os num referencial sociocultural e histórico, o que nos parece de manifesto interesse, em especial para a adaptação por outras formas de expressão estética e artística. Para além disso, os textos queirosianos revelam grandes potencialidades visuais e são marcados pela ironia e pelo sentido de humor, o que leva Gersão (2009: 137) a afirmar que «Eça é um “encenador” nato», daí que «não é por acaso que as suas obras têm sido até hoje tantas vezes adaptadas com sucesso».

De sublinhar, ainda, que este revisitar constante dos escritos queirosianos através de outras linguagens, nas quais se inclui o cinema e a televisão, seja através de produções de época ou de actualizações, é uma importante forma de revitalizar a memória cultural portuguesa para as novas gerações, não só a nível nacional, como também para além das nossas fronteiras. Eça deixou-nos uma imensa riqueza literária que se configura naquilo que Reis (2009: 10) designa por «legado cultural» que, ao ser representado por intermédio das narrativas

audiovisuais, permite o contacto da sociedade actual com o cânone. E, assim, assistimos, por um lado, à divulgação mediatizada da herança literária lusa, promovendo, desta forma o conhecimento e, por outro lado, à representação audiovisual da identidade cultural portuguesa, o que contribui para o autoconhecimento daquilo que somos.

Sendo assim, parece-nos sobretudo de destacar que o cinema e a televisão, ao promoverem o contacto dos seus públicos com as letras estão a assumir um importante papel socializante e democrático, sendo certo que esta sinergia entre literatura e audiovisual proporciona também um desafio criativo ao talento para propor um novo olhar sobre “velhas” histórias.

Por conseguinte, defendemos que a adaptação literária para ecrã não significa falta de inovação ou inibição de expressividade autoral, pois não se trata da filmagem de livros, mas de sermos capazes de entender que a partir do livro se pode encetar um novo processo criativo. Os próprios autores tomaram consciência de que, transpor o seu trabalho para uma outra linguagem, era possibilitar-lhe uma multiplicidade de novos olhares.

## Referências

Cal, Ernesto Guerra da (197?). *Linguagem e Estilo de Eça de Queiroz*. Lisboa: Editorial Aster.

Coelho, Eduardo Teixeira (1989). *A Torre de D. Ramires*. Lisboa: Futura.

Coelho, Eduardo Teixeira (1993). *Contos de Eça de Queirós*. Lisboa: Vega.

Colomer, Teresa (2007). *Andar entre Livros*. São Paulo: Editora Global.

Gersão, Teolinda (2009). Eça próximo de nós. In: Carlos Reis, *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70, 137-138.

Guimarães, Hélio de Seixas (2003). O romance do século XIX na televisão: observações sobre a adaptação de *Os Maias*. In: Tânia Pellegrini, *Literatura, Cinema e Televisão*. São Paulo: Editora Senac, 91-114.

Flores, Francisco Moita (2003, Fevereiro 23). Se a Novela Aproximar Os Telespectadores de Eça, Está a Cumprir o Serviço Público. *Público*. Acedido em Setembro 10, 2009, de <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp260220039.htm>.

Hayward, Susan (2000). *Cinema Studies: the key concepts*. Londres: Routledge.

- Jorge, Lúcia (2009). *Eça de Queirós: a decência da Beleza*. In: Carlos Reis, *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70, 134-135.
- Landy, Marcia (ed.) (1991). *Imitations of life: a reader on film & Television Melodrama*. Detroit: Wayne State University.
- Lima, Isabel Pires (2000). Pontes Queirosianas: Angola, Brasil, Portugal. In: Benjamin Abdala Junior (org.), *Ecos do Brasil: Eça de Queirós – Literaturas Brasileiras e Portuguesas*. São Paulo: Senac.
- Marcatti, Francisco (2007). *A Relíquia*. São Paulo: Conrad Editora.
- Menezes, Salvato Telles de (1993). *Literatura*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Mónica, Maria Filomena (2001). *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Morim, José (1997). *O Defunto*. Póvoa do Varzim, Porto: Porto Editora, Câmara Municipal da Póvoa do Varzim.
- Muanis, Filipe (2005). Texto e Imagem, Poesia e Prosa, Literatura e Cinema, *Revista Fórum Média* 1: 17-23.
- Navarro, Ana Rita Soveral Padeira (1999). *Da Personagem Romanesca à Personagem Fílmica: As Pupilas do Senhor Reitor*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Reis, Carlos & Milheiro, Maria do Rosário (1989). *A Construção da Narrativa QUEIROSIANA*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Reis, Carlos (2004). Prefácio. In: Laura Fernanda Bulger, *A Imagem da Escrita no Pequeno Ecrã*. Coimbra: Minerva, 5-7.
- Reis, Carlos (2005). *O Essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Reis, Carlos (2009). *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70.
- Saraiva, José António & Lopes, Óscar (1989). *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Teves, Vasco Hogan (2007). *RTP 50 anos – História da Televisão em Portugal*. Lisboa: RTP.